

Identidades sexuais e de gênero nas e nos adolescentes de hoje

Beatriz Janin,¹ Buenos Aires

A identidade sexual e a de gênero são construídas ao longo da infância e adolescência, sendo marcadas pelos desejos e proibições dos pais, pela história dessa família, pela maneira através da qual isto se inscreveu no sujeito e pelos valores da sociedade em que ele vive. Também a escolha de objeto sexual irá se configurar por meio de um percurso em que os rastros dos desejos dos outros e a trama edípica vai delineando escolhas possíveis, marcadas, por sua vez, por um meio sociocultural.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Escolha de objeto; Pulsões, Adolescência

¹ Psicóloga. Psicanalista. Diretora das especializações em Psicanálise com Crianças e em Psicanálise com Adolescentes da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Professora de pós-graduação na Universidade Nacional de Rosario e na Universidade Nacional de Córdoba.

Nascemos com um corpo e somos identificados pelos outros como mulheres ou homens – atribuem a nós características ligadas à identidade sexual, compramos brinquedos compatíveis com tais características, vestem-nos de determinada maneira... Contudo, isto vai sofrendo mudanças ao longo da vida. Os outros nos enxergam de um modo e iremos nos vendo nesse espelho, mas poderemos modificar essa imagem...

Constituímo-nos como sujeitos não só em uma família, mas também em uma determinada sociedade, e nossos desejos e ideais serão modelados pelos valores dessa sociedade e também pelas representações sociais de feminilidade e masculinidade. Ao mesmo tempo, as representações de outras épocas continuam agindo em cada um de nós na medida em que vão sendo herdadas como normas e ideais que, muitas vezes, são incongruentes com o momento em que nos toca viver. Quer dizer, a identidade sexual, a identidade de gênero e a escolha de objeto sexual não estão dadas de início, mas são construídas ao longo da infância e da adolescência.

Nossos corpos e o olhar sobre eles foram modelados conforme a representação que se tem deles. Vemo-nos de acordo com a representação social de gênero, de beleza e de saúde de cada família e de cada época.

Tal fato nos leva a pensar as novas formas que a sexualidade toma nos adolescentes de hoje como efeito do intercâmbio das pulsões, identificações e proibições que cada um pôde forjar no âmbito da imbricação dos legados familiares, das marcas que as vivências foram deixando neles e na sociedade em que vivem (em especial o grupo social de que fazem parte). História pessoal, familiar, transgeracional e social se entrelaçam na estruturação subjetiva.

E há algo que precisamos levar em conta quando falamos de adolescência: é a época da vida em que os valores sociais, o grupo de iguais e o suporte narcisista do meio ganham maior importância. Ao abandonar a imagem idealizada dos pais, já não é suficiente a sua aprovação e, então, será necessário que outras instâncias (grupos de iguais, escola, clubes...) valorizem essa ou esse adolescente.

Da época vitoriana à atualidade ocorreram várias transformações, principalmente no lugar da mulher. Isto leva a muitas defasagens entre o que os pais e adultos em geral esperam e o que os adolescentes vivem como desejável. Na década de 60, os pais se espantavam com a liberdade sexual das filhas e, hoje, se horrorizam com a bissexualidade e com o sexo “*touch and go*”.

Há contradições que surgem como resultado destes ideais contrapostos: ao mesmo tempo que, no funcionamento psíquico de muitos homens, continua se seguindo com a oposição infantil mulher-mãe-irmã e mulher-sexuada-prostituta,

as mulheres vão se definindo como seres desejantes, circunstância que cria sérias dificuldades nos vínculos intersubjetivos e na transmissão de modelos para ambos os sexos. O homem conquistador decai, algo que deixa muitos meninos e adolescentes sem representações claras da masculinidade.

Talvez o fato de que as e os adolescentes de hoje acham que podem escolher se querem estar com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto – e que também podem se transformar em homem ou mulher conforme assim desejem –, implique propor novos caminhos como um modo de inventar formas alternativas para recobrar o erotismo em um mundo em que, nas palavras de Byung-Chul Han (2014), o Eros desapareceu diante da imposição do lucro.

É possível que, em um mundo no qual prevalece a sobrevivência, os adolescentes ampliem as margens de suas escolhas.

Tal constatação abre perguntas: é a busca do idêntico a si mesmo ou é a ampliação do mundo? É uma expressão de “não há limites para meus desejos”, com aquilo que existe de mortífero em uma certeza que anula a possibilidade de desejar, ou temos que pensar nisso como uma busca para encontrar o outro de um modo diferente, apagando os estereótipos clássicos?

Também podemos pensar que, em uma época em que *vale tudo* e se anulam as fronteiras entre o desejado e o possível, as fantasias necessitam se tornar realidade.

Indubitavelmente, encontramos-nos diante de uma espécie de mudança muito importante.

Por um lado, fica visível algo que a clínica vem nos mostrando: a biologia não é destino, e não determina nem o gênero nem a escolha do objeto sexual.

E, ao mesmo tempo, está se colocando em jogo grande parte daquilo estabelecido como *dado* em relação à escolha de objeto. Muitas pessoas propõem a escolha de outras *personas* independentemente de sua identidade sexual. Assim, uma frase que escuto com frequência no consultório é: “Não sou lésbica. Eu não estou apaixonada por uma mulher, e sim por ‘ela’”. Outra hora posso me apaixonar por um homem”.

Mas, como psicanalistas, sabemos que há uma história pessoal entrelaçada com a história social, algo que marca e que leva cada sujeito a ir forjando seu próprio caminho. Os modelos de identificação são transmitidos muito antes de que a criança tenha ideia de tempo e de história. Os heróis de seus pais e desse grupo social terão um peso importante em suas escolhas.

Talvez algumas destas questões possam ser vistas na consulta de um menino de cinco anos: os pais de A trazem-no para a consulta porque o menino tinha ataques de fúria. Muito inteligente, não possuía bons vínculos com os outros meninos

e apresentava dificuldades para evacuar no vaso sanitário. Os pais haviam se separado já fazia algum tempo. O pai falava pouco e devagar, quase podia passar despercebido, em um tom de tristeza permanente. Em algum momento, pôde dizer que tem ideias suicidas. A mãe, muito vital, ocupava o espaço e tomava todas as iniciativas. O vínculo entre ambos era harmônico e carinhoso, mas totalmente assexuado. Uma das preocupações do pai (não da mãe, que aceitava a coisa como uma das características de seu filho sem manifestar preocupação) era que o menino preferia as brincadeiras com bonecas, queria se vestir como menina e experimentava constantemente a roupa da mãe. Nas sessões, insistia no assunto: “Quero ser uma menina. Gosto mais de ser menina”.

Trabalhamos durante um bom tempo, tanto com o menino quanto com os pais. O menino foi se sentindo muito melhor, e as agressões e as dificuldades para evacuar cederam, mas insistia em sua preferência de se vestir como mulher, embora deixasse de dizer que queria ser “menina” e se relacionasse melhor com outros meninos.

A análise terminou quando o menino tinha 8 anos. Nesse momento, ele se vestia de modo masculino e estava contente, com amizades de ambos os sexos e um rendimento acadêmico muito bom na escola. Falava de que havia desejado ser mulher como algo do passado, de sua infância, e podia refletir sobre diferentes assuntos. Tinha mais independência de ambos os pais, e o grupo de amigos e amigas ganhara maior importância.

Dez anos depois, voltaram a me pedir uma consulta. A já era um adolescente, apresentava um desempenho escolar brilhante e vinha fazendo escolhas homossexuais, algo revelado aos pais quando tinha dezesseis anos, sentindo-se muito aliviado por falar. A mudança de gênero deixara de ser uma questão, bem como a ideia de se vestir com outras roupas. Definia-se como homem com uma escolha de objeto clara. Depois que o adolescente revelou a sua escolha de objeto sexual, o pai contou para a ex-mulher e para o filho que ele fizera o mesmo tipo de escolha.

Podemos pensar: com quem este menino podia se identificar durante sua infância quando a mãe aparecia como poderosa e vital, ao passo que o pai mostrava a sua debilidade psíquica? Como forjar seu Ego-pele se não com as roupas maternas? Isto foi cedendo, e o menino não necessitou manter uma identidade feminina como identidade de gênero, mas sim uma escolha de objeto homossexual, o que, por outro lado, denotava a identificação com o pai e seus aspectos ocultos. Penso que, ao deixar esta trajetória se desenrolar, o fato de não ter proibido as escolhas de A foi facilitado pela análise, mas também por uma época em que a equação sexo biológico-gênero-escolha sexual declinou socialmente. É um aniquilamento de

diferenças baseado na desmentida ou é um novo modo de conceber as diferenças?

Podemos dizer que qualquer época cria identidades de gênero e sexuais por diferentes vias de identificações.

Em outros tempos, as mulheres que queriam mostrar sua produção, ou se destacar em alguma área, vestiam-se de homens. Assim, para ser correspondente de guerra, médica ou músico de *jazz*, existiram mulheres que tomaram a identidade de homens. Respondiam a uma diferença que se baseava na ideia de superioridade do homem sobre a mulher, e isto levava a muitas proibições para as mulheres trabalharem em quase todos os âmbitos públicos. Nesse momento, ser homem, transformar-se no outro sexo tomando emprestadas suas roupas e seus nomes, era uma atitude de independência. Nos dias de hoje, existem meninas que querem ser meninos porque continuam sentindo que os homens gozam de uma liberdade que lhes é negada. Contudo, o que desejam não é estritamente a masculinidade, e sim as suas vantagens sociais (principalmente em famílias tradicionais).

Como compreender o que acontece a um adolescente que diz: “Eu quero ser menina” (sendo homem) ou “Eu quero ser homem” (sendo menina)? Acredito que o mais importante seja pensar, caso a caso, em quais são as possíveis vicissitudes que levaram a estas ideias, sensações, afetos... Dissemos que, na representação que cada um possui acerca de si mesmo como ser sexuado e pertencente a um gênero, significou um papel importante não só o olhar que os pais tiveram sobre uma ou outro, mas também seus desejos inconscientes e as representações a partir das quais eles situam a diferença entre homens e mulheres.

Histórias múltiplas... e valores sociais, além de identidades vistas como positivas nesse grupo social, modelos e heróis desse momento histórico, também são elementos que vão oferecer identificações possíveis às e aos adolescentes.

Não é estranho que uma menina manifeste o seu desejo de ser menino porque sente que o mundo foi forjado para os homens.

Assim, uma menininha de onze anos, de uma pequena cidade do interior, pede reiteradamente para ser homem. Quando pode falar com a psicanalista, conta que, em casa, o único que possui um lugar é seu irmão, que deixam-no escolher qual esporte praticar, que permitem a ele decidir sobre seu futuro e que ele tem liberdade para dizer o que pensa. Com ela, todo o tempo insistem que, em sendo menina, “precisa ser submissa, simpática e calada”.

Uma paciente de nove anos me diz: “É melhor ser menino, porque as brincadeiras das meninas são chatas. Os meninos se divertem mais e dizem que as brincadeiras deles são para homens para que a gente não brinque. Por isso, eu preferia ser menino”. Não são meninas que querem mudar de gênero nem de sexo,

embora às vezes se expressem dessa maneira. Elas não querem se submeter ao lugar que sentem ser reservado para as mulheres pela sociedade.

Mas também existem meninos que querem ser mulheres. Como pensar isso? Falei de considerar caso a caso. Em algumas situações, o menino conseguiu se forjar com uma representação de si mesmo como menina (ou ao contrário), e isto pode ter acontecido naqueles casos em que outros desejaram que ele fosse menina. Tal circunstância é bastante frequente em situações em que as mães dizem: “Desde que era bebê eu me dei conta de que ele queria ser uma menina”. Nessas ocasiões, costuma incidir muito o peso do olhar materno e dos seus desejos. No entanto, existem outras situações que podem ser diferentes. Por exemplo, há meninos que necessitaram se recobrir com uma pele diferente da que seu corpo lhes dava, cobrir-se com a pele de um outro corpo para ter algum. Talvez por dificuldades em seus primeiros momentos, na construção narcisista, na possibilidade de uma representação de si mesmo como alguém inteiro, precisaram (tendo um corpo de homem) se identificar principalmente com a mãe, recobrando-se com sua pele diante da dificuldade em incorporá-la de outro modo.

Silvia Bleichmar (2006), falando a respeito de um menino que pedia a mudança de identidade sexual, afirma:

Como analista, considero que o transtorno de identidade sexual de Agustín é efeito de vicissitudes em que não podem ser ignorados nem os traumatismos precoces nem os sentimentos intensos de solidão que o levaram a constituir uma identificação na própria fronteira do Ego com o objeto mãe, como um modo de se proteger de um déficit profundo na constituição das identificações primárias. Podemos supor, a partir do relato dos pais, que, nesses primeiros tempos, não ocorreram as condições adequadas para exercer os cuidados psíquicos que lhe teriam permitido a constituição de invólucros simbólicos apropriados, mas, ao mesmo tempo, devemos sublinhar que aspectos potencialmente fecundos, tanto do menino quanto de seus pais, evitaram a desestruturação psíquica e criaram condições para esta “restituição precoce” que deu origem a um aparato psíquico bem articulado, sem déficit cognitivo nem emocional (p. 151).

A partir da psicanálise, a questão é ver quais são os mecanismos de produção de uma subjetividade sexual.

Judith Butler (2007) diz: “A psicanálise pode servir como uma crítica da adaptação cultural e também como uma teoria para compreender as maneiras

através das quais a sexualidade não se amolda às normas sociais que a regulam?” (p. 32).

Assim, o desejo sexual acaba se dirigindo para objetos e encontra modos de satisfação que escolhe entre os propostos socialmente, mas, ao mesmo tempo, pode ser totalmente forçado para se enquadrar nessas propostas e normas.

Então, em primeiro lugar, precisamos pensar que a identidade sexual e de gênero são construídas. Nascermos com uma determinada anatomia, mas isso não determina por si só quem e como somos, quais desejos nos movem.

Eu diferencio a constituição da sexualidade da estruturação da identidade de gênero, considerando-as como caminhos distintos, embora entrecruzados. Podemos afirmar que a identidade de gênero é prévia à identidade sexual, principalmente no que tange à escolha de objeto sexual, que corre por outros trilhos.

Se pensarmos na constituição psíquica, podemos ver que o primeiro passo é a abertura de zonas erógenas. Como isto acontece? Por que uma zona é erotizada e outra não? Penso que isto corresponde aos desejos inconscientes dos pais ou daqueles que cumprem essa função, os quais, sem se dar conta, vão forjando um caminho de carícias e de proibições. É fundamentalmente a sexualidade materna (ou de quem cumpre essa função) que estará em jogo na investitura das diferentes zonas do corpo como zonas marcadas pelo prazer ou pela proibição.

Este caminho de carícias, que dá lugar às pulsões sexuais, sempre disruptivas, precisa ir se abrindo e se complementando com a ternura, que unifica e ajuda a consolidar, enquanto situa o outro como totalidade e como outro.

Então, a sexualidade se inscreve na criança por irrupção nela da sexualidade do outro, que, ao satisfazer a pulsão de autoconservação, produz um *plus de prazer* capaz de permitir a abertura de um território diferente. É ao afirmar a autoconservação que a pulsão sexual se constitui. Não se buscará mais somente a satisfação da necessidade, mas reencontrar um prazer que se relaciona com odores, sabores, contatos... Nesse caminho, a pulsão sexual vai sendo forjada, constituindo um conjunto anárquico de pulsões que lutam para se satisfazer sem ter coerência entre si. Ao longo de um trajeto complexo no qual são muitos os participantes, as pulsões acabam por se organizar, com preeminência de uma por vez, buscando diferentes objetos... embora estes objetos costumem ter algum traço em comum. São as marcas que insistem em uma busca incessante... Estas pulsões parciais, em sua impulsão, atacam a representação unificada de si, em uma luta sem quartel entre o Ego e os desejos...

Na infância, constituem-se de forma gradativa não apenas as zonas erógenas (que podem implicar diferentes zonas do corpo) como as representações de objeto que satisfazem os desejos (a partir da inscrição de aspectos, marcas e traços).

Entretanto, isto não é estático. Na adolescência, um tanto disto se organiza-desorganiza, estrutura-desestrutura... e vão se buscando novos objetos, muitas vezes sobre inscrições anteriores. Quer dizer, a escolha de objeto é resultado de um longo percurso em que a sexualidade e as proibições dos outros ganham um lugar fundamental. Desejos e repressões são transmitidos além da vontade, expressando-se através de gestos e alusões daqueles que foram investidos pela criança.

Toda menina e todo menino nasce e vai se forjando com outros, que lhe concedem um lugar em sua própria conflituosidade edípica. Ou seja, muito antes que ele assuma um papel na estrutura triangular, fará parte dessa trama que o antecede. Esse momento vai ser fundamental na escolha de objeto sexual. No entanto, sabemos que a conflituosidade edípica se reatualiza na adolescência e, por conseguinte, esse momento pode por sua vez modificar a escolha, levando ao encontro de novos caminhos.

Ao mesmo tempo, a identidade de gênero, como toda identidade, é estabelecida por inscrição simbólica. Não pela natureza nem pela biologia, mas pelo olhar que os outros devolvem ao sujeito infantil e pelos valores que eles atribuem a cada gênero.

Quer dizer, temos que pensar acerca de quais são os fantasmas dos pais em relação à identidade de uma menina ou um menino, aquilo que é proposto como característico de um gênero de acordo com suas próprias experiências e fantasias, e a quem eles enxergam quando olham para esse menino ou menina.

O que é um menino para essa mãe e para esse pai? O que é uma menina para eles? Quais são os atributos de cada um e o que é esperável e valioso?

Aqui entra em jogo a narcisação do sujeito. Para ser amado, valorizado e ocupar um lugar, isto terá que acontecer de determinado modo e mediante o cumprimento de certos ideais, os quais podem expressar o que esse grupo social valoriza. Ou seja, expressão dos ideais sociais.

Então, as representações conscientes e inconscientes dos pais sobre a feminilidade e sobre a masculinidade, os desejos postos em jogo com essa filha ou esse filho, assim como seus ideais, terão um lugar nisto e se entrelaçarão com os valores e ideais sociais.

Pode-se dizer, assim, que determinação social, representação narcisista e sexualidade inconsciente do outro se conjugam na atribuição de gênero.

Ao mesmo tempo, o Ego se constitui com a diferença entre as três instâncias e como um conjunto de representações nas quais os atributos de gênero ocupam um lugar importante.

Se pensamos que o objeto da pulsão, assim como os modos através dos quais ela se satisfaz, se constituem em uma história (que não é somente individual

mas social), se pensamos na transmissão transgeracional... a complexidade estará em jogo.

Então, a identidade tanto sexual como de gênero se constitui não por cópia imediata dos desejos ou das identificações parentais, mas por meio de um movimento em que esses desejos, essas representações, terão um lugar privilegiado, mesmo quando serão metabolizados e, portanto, transformados pela própria criança.

Geralmente a identificação não se dá com o *objeto real*, mas sim com as representações e ideais materno-paternos. Por outro lado, dissemos que o gênero é anterior à escolha sexual e que ambos podem não coincidir entre si.

Depois que a identidade de gênero se estabilizou, quando o sujeito forjou uma representação de si mesmo com essa condição, modificá-la pode levar a uma desestruturação psicótica, afirma Silvia Bleichmar (2006).

Mas, quando se estabiliza? Na primeira infância, na adolescência ou mais tarde?

Parece-me que esta é uma das perguntas que devemos nos fazer, e para a qual não acredito que exista uma resposta geral, mas uma diferente para cada sujeito.

Considero que devemos levar em conta que, embora algo disto vá se definindo na primeira infância, nenhuma escolha é inalterável, nem a de objeto sexual nem a de gênero, durante os primeiros anos da vida. Enquanto sujeito em estruturação, toda menina e todo menino têm possibilidades abertas, e a adolescência assinala – para todos – um momento chave na ressignificação da própria história.

Podemos pensar, então, que estas novas sexualidades e estes novos modos de encarar a vida sexual estão não só determinados por toda uma história pessoal, mas também facilitados pelas situações sociais.

O que acontece com tudo isto na adolescência? Como pensar a entrada da genitalidade a partir desse conjunto pulsional que então se depara com um corpo diferente e com os emblemas sociais? Como pensar nas dificuldades próprias da assunção de um gênero e de uma escolha de objeto sexual nesses momentos?

Também é preciso levar em conta que, nessa época da vida, é possível estabelecer uma ruptura com as imposições parentais, e que ela pode ser necessária para forjar um caminho próprio. Ruptura, aliás, que pode ocorrer com diferentes aspectos da vida dos pais, seus ideais e suas imposições.

Podemos nos perguntar: um adolescente é homossexual porque escolhe um parceiro do mesmo sexo? Ou será que denominar como homossexual uma ou um adolescente é pôr-lhe um rótulo, confundir uma escolha transitória com uma definitiva, impedir que forje seu próprio caminho e que experimente diferentes possibilidades de satisfação sexual?

A ideia de um *iniciador* do mesmo sexo é antiga. É frequente que mulheres e

homens busquem um começo de beijos e carícias com um igual, mais tranquilizador que o diferente. Não há algo disso na proliferação de escolhas homossexuais como primeira relação? E esta escolha pode ou não continuar. Hoje, o habitual é que os adolescentes flutuem entre uma escolha heterossexual e outra homossexual.

Por outro lado, é importante o que os adolescentes dizem: “Não escolho homem ou mulher. Escolho pessoas”. Tal afirmação, com todas as implicações dela advindas, é importantíssima para pensar a respeito destas questões. Negam a diferença sexual ou apontam outras diferenças? Por exemplo, vi muito nas adolescentes (que estão fazendo estas flutuações de forma mais aberta, principalmente em setores sociais médios) a defesa da escolha de alguém que “não seja violento”, sentindo que os homens podem violentá-las. De modo algum poderia se confundir feminismo com lesbianismo, mas a luta contra a violência praticada pelos homens em relação às mulheres e a briga por um lugar no mundo leva muitas adolescentes a buscarem, inúmeras vezes transitivamente, uma pessoa que lhes garanta a ternura.

Somos nós, os adultos, que em muitas ocasiões cristalizamos a escolha ao denominar como *homossexual* ou *lésbica* a pessoa que está buscando diferentes formas de encontro com o outro e, principalmente, algum modo de encontrar a si mesma, de ser alguém.

Somos nós, os adultos, que não podemos tolerar estas flutuações e tratamos de fixar de algum modo o que acontece.

Ao mesmo tempo, os adolescentes flutuam entre pensar as relações como eternas (ao estilo Romeu e Julieta) ou supô-las como absolutamente transitórias. Podem ficar com muitas e muitos ao mesmo tempo e podem se entregar a alguém sem condições. As possibilidades são infinitas e as mudanças também, nesse momento da vida em que tudo é busca e descoberta.

Além disso, se pensamos que a sexualidade está se constituindo desde o nascimento, é na adolescência que esse percurso sofre uma reorganização fundamental: os órgãos sexuais ganham outro sentido – com as mudanças corporais e a explosão hormonal, a representação do sexo passa a adquirir outro lugar, e isto produz uma transformação no modo como é visto e se vê. Tal fato, por si só, já traz muitos problemas. Sensações de vergonha e, ao mesmo tempo, desejos de se exibir para ser olhado por todos, desconforto consigo mesmo, sensações de insegurança externa – que lugar tem o sexo e o amor nesses momentos se não é como reforço narcisista, busca de outro que sustente e forneça um outro corpo capaz de servir como abrigo?

Por outro lado, se dizemos que o objeto sexual e os modos de satisfação

pulsional estão se forjando desde a infância, a adolescência marca uma nova estruturação que possibilita outras escolhas... ou não.

Por outro lado, insisto que, em uma época na qual todos supõem que “tudo é possível” e que “é preciso experimentar tudo”, por que não experimentar estar com o outro sexo assim como se experimentam tantas outras coisas? E ainda mais se isto implica uma oposição aos desejos manifestos dos pais. É certo que, às vezes, um dos pais possui desejos inconscientes de homossexualidade ou existem homens que empurram o filho para a homossexualidade porque não suportam a presença de outro homem na casa e, então, o difamam e submetem... Entretanto, isto pode levar a uma heterossexualidade com complicações ou a outro tipo de dificuldades, e também pode conduzir tanto a uma escolha de gênero diferente como à escolha de um objeto sexual do mesmo sexo.

Não podemos pensar nada como causa-efeito único e direto. Contudo, podemos pensar nas múltiplas possibilidades decorrentes de todas as variações que podem estar em jogo na constituição subjetiva, sem patologizar nenhuma escolha (exceto as que conduzem a um sofrimento intenso para o sujeito ou as que supõem quebra de normas éticas porque levam outro indefeso ao sofrimento, como é o caso dos atos de abuso sexual).

Então, identidades, sexualidades, gênero... todas são construções que ocorrem ao longo da estruturação psíquica. A tarefa dos psicanalistas é acompanhar, escutar e trabalhar as vicissitudes da constituição psíquica sem impor nossas próprias certezas, que certamente vão estar sustentadas por nossa própria história. □

Abstract

Sexual and gender identities in today's adolescents

Sexual and gender identities are constructed throughout childhood, early adolescence and adolescence, and are marked by the parents' wishes and prohibitions, by the history of that family, by the way in which this was inscribed in the subject and by the values of the society in which he/she lives. The choice of sexual object will also be shaped by a journey in which the traces of other people's wishes and the Oedipal plot delineate possible choices, which are marked in turn by a socio-cultural environment.

Keywords: Identity; Gender; Choice of object; Drives; Adolescence

Resumen

Identities sexuales y de género en las y los adolescentes de hoy

La identidad sexual y la de género se construyen a lo largo de la infancia, la niñez y la adolescencia, marcadas por los deseos y prohibiciones de los progenitores, por la historia de esa familia, por el modo en que esto se inscribió en el sujeto y por los valores de la sociedad en la que vive. También la elección de objeto sexual va a ir conformándose en un recorrido en el que las huellas de los deseos de los otros y la trama edípica va delineando elecciones posibles, marcadas a su vez por un entorno sociocultural.

Palabras clave: Identidad; Género; Elección de objeto; Pulsiones; Adolescencia

Referências

Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.

Butler, J. (2007). *El género en disputa*. Barcelona: Paidós Studio 168.

Byung-Chul Han. (2014). *La agonía del Eros*. Buenos Aires: Herder Editorial.

Recebido em 25/06/2018

Aceito em 12/09/2018

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão técnica de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Diefenthaler**

Beatriz Janin

Av Córdoba 3431 – 4º “A”

1188 – Ciudad Autónoma de Buenos Aires – Argentina

e-mail: beatrizjanin@gmail.com

© *Beatriz Janin*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA